



HOTEL
DAS
VIRTUDES

PORTO



MEMÓRIAS E PASSEIOS



MEMÓRIAS E PASSEIOS

UM MIRADOURO ÚNICO, UM NOME MÁGICO E... UM HOTEL

Debruçado sobre o rio Douro, espreitando o Atlântico que se abre no horizonte, o Passeio das Virtudes oferece um dos mais belos pores do sol do Porto. Mas também uma das mais surpreendentes perspetivas sobre a área antiga da cidade, e muito especialmente sobre Miragaia, esse território ribeirinho que cresceu com a intensa atividade mercantil e marinheira do burgo, cujas raízes se perdem em tempos ancestrais.

Ora, é deste miradouro (**ver nº 2 no mapa, pág. 22**) que, através da antiga calçada e escadaria das Virtudes, podemos descer em socalcos a cascata formada por jardins e remoto casario que nos conduz a Miragaia e às margens do estuário da maior bacia hidrográfica da Península Ibérica: o Douro.



2 E é ao descer este caminho que perceberemos a origem do curioso nome do local. Bem que poderiam estas “virtudes” resultar da beleza do lugar e da paisagem. Mas a explicação é outra e fica a dever-se à existência, a meio da encosta, de uma fonte em cantaria mandada construir em 1619 pela Câmara do Porto para o aproveitamento de uma nascente (3). A estas águas, muito apreciadas pela população, cedo se atribuíram propriedades curativas: acreditava-se que elas tinham virtudes mágicas. E foi essa característica que acabou por rebatizar a inicialmente designada Fonte do Rio Frio por Fonte... das Virtudes.



Terminada a descida da velha escadaria (4), entre o morro e as margens do Douro, encontra o visitante o seu Hotel – o Hotel das Virtudes, em pleno centro histórico do Porto e naquela que é, desde 1996, a área especial de proteção definida pela UNESCO do Porto - Património da Humanidade.

O HOTEL DAS VIRTUDES

O Hotel das Virtudes (1), em parte encaixado na penedia envolvente, ocupa um antigo edifício residencial aristocrático com origens no século XVI – época de grande dinâmica mercantil em Miragaia decorrente da Expansão marítima dos portugueses. A sua inicial feição nobiliárquica, sublinhada na fachada pela colocação no século XVII de um brasão da família “Rocha, Ferreira e Barbuda” explica, aliás, a excecionalidade de alguma da monumentalidade e das raras e amplas dimensões do imóvel, mais próximas nas suas proporções das dos armazéns e espaços fabris do que das dos restantes espaços habitacionais da grande maioria dos portuenses.



Apesar destas origens fidalgas, visíveis em muitos vestígios preservados pelo hotel (arcaria do piso térreo, bancos namoradeiros em algumas das janelas, portas quinhentistas...), o edifício sofreu posteriores e significativas ampliações e remodelações que, no século XVII e principalmente no XIX, lhe fizeram perder muita das suas raízes aristocráticas. Adaptado, nos finais de Oitocentos, para acolher a “Fábrica a Vapor de Conservas Alimentícias Lusitana” o imóvel é afetado, já nos primeiros anos do

século XX, por um desabamento. Reconstruído e utilizado como armazém, na segunda metade do século passado o edifício passou a acolher uma associação desportiva e recreativa local que, embora sem grandes feitos desportivos, se notabilizou pelos seus espetáculos teatrais graças aos imponentes pés-direitos da construção.

4 Abandonado no início do século XXI, o edifício entrou em ruína e temeu-se que o conjunto pudesse colapsar. Contudo, um ambicioso projeto de regeneração do imóvel, devolvendo-lhe a sua inicial função residencial e o charme das origens aristocráticas – o Hotel das Virtudes – permitiu a reabilitação desta parcela importante da Memória da cidade. Terão as características curativas e mágicas do lugar e das suas águas contribuído para esta miraculosa transformação?

Vamos partir à descoberta dessas “virtudes” ...



A RUA

O Hotel das Virtudes, voltado para as amplas construções do vizinho World of Discoveries (5), localiza-se na extremidade de uma das mais extensas, antigas e sinuosas ruas deste velho aglomerado urbano. S. Pedro de Miragaia, o padroeiro do lugar, é o nome atual da rua, mas já teve no passado uma outra designação: Rua do Rio Frio. Era uma referência à histórica ribeira que, durante milênios, vinda das zonas mais altas da cidade, se precipitava a céu aberto e em cascatas pela encosta das Virtudes. Há muito que esta linha de água deixou de ser visível. Mas continua a correr debaixo dos nossos pés. À saída do hotel não deixe de reparar nas amplas tampas de saneamento. Sob elas o Rio Frio prossegue o seu trajeto, hoje subterrâneo, até desaguar no Douro.





O LUGAR – UM PASSEIO POR MIRAGAIA

Miragaia foi um território estratégico para o desenvolvimento comercial do Porto. Embora se localize do lado de fora da muralha que, erguida no século XIV, ditava os limites da cidade, a freguesia mantém até hoje testemunhos indelévels desse seu protagonismo: na sua surpreendente igreja paroquial; em inúmeras edificações com séculos de existência; no monumental edifício da Alfândega Nova; nos vários armazéns e imóveis ocupados por destacadas empresas...



Saindo do hotel em direção ao rio e percorrendo as estreitas ruas do lugar, encontrará a igreja de Miragaia (6), com uma surpreendente talha dourada no arco triunfal e na capela-mor, apesar de uma aparente simplicidade exterior. De facto, a construção de raízes medievais foi reedificada em 1740, evidenciando nesta intervenção barroca a importância histórica do local. Desde logo a sua ligação ao mar e ao comércio, reforçada pelo seu orago, S. Pedro, protetor dos homens do mar, marinheiros, mercadores, calafates e outros construtores navais, mareantes...



O peso da atividade comercial e do crescente poder económico dos mercadores de Miragaia, envolvidos desde os finais da Idade Média no comércio marítimo, é evidente em relevantes e até surpreendentes ofertas à igreja local. Caso das relíquias de um dos mais famosos santos do oriente mediterrânico – S. Pantaleão – que chegaram à igreja de Miragaia no século XV. Da importância e fama dessas

reliquias resultará a sua posterior transferência para a catedral do Porto e a elevação deste santo, até 1982, a padroeiro da cidade. O núcleo museológico da igreja preserva, contudo, um relicário em prata contendo um fragmento de osso supostamente pertencente a S. Pantaleão. É uma das muitas surpresas deste espaço, onde se destaca também um Tríptico do Espírito Santo, notável obra quinhentista da escola renascentista flamenga, atribuída ao início do século XVI, oferecida por um comerciante de Miragaia. No exterior, quando fechado, o tríptico exhibe a cena da Anunciação. Nos painéis interiores destaca-se S. João Baptista e o doador à esquerda e S. Paulo à direita; no centro, a representação do Pentecostes. Estas duas peças, uma delas proveniente da área de Veneza ou do Mediterrâneo Oriental, e a outra vinda do Norte da Europa, ambas na passagem dos séculos XV para o XVI, revelam dois dos principais destinos da atividade mercantil deste lugar, num tempo em que o Porto era uma estratégica plataforma logística que ligava estes dois mundos europeus.





Para entender a dinâmica mercantil e marítima de Miragaia dever-se-á perceber que até meados do século XIX este povoado se estendia frente a um vasto areal sobranceiro ao Douro, onde hoje encontramos o monumental edifício da Alfândega Nova (7). Aqui desaguava o Rio Frio, os pescadores repousavam os seus barcos de pesca e reparavam as redes, os cordoeiros esticavam e produziam as suas cordas, e um crescente formigueiro humano alimentava os estaleiros que, com a Expansão marítima dos portugueses, foi ganhando crescente atividade. Aqui foram construídas muitas das embarcações utilizadas nessas viagens, incluindo as naus com que Vasco da Gama chegou à Índia em 1498.



Hoje já não encontra esse histórico e extenso areal, desaparecido com a configuração urbanística imposta em meados do século XIX pela construção da Alfândega Nova que alterou a fisionomia do local. O edifício ergue-se a uma quota superior e artificial sobre o povoado, desde então estranhamente mergulhado por trás de um elevado paredão que suporta a rua Nova da Alfândega e o separa do rio que foi, durante longos séculos, a razão de ser e do sucesso de Miragaia. O colossal edifício da Alfândega Nova, mandado construir em 1859 para dar resposta às exigências dos comerciantes e da forte atividade comercial do Porto, foi projetado pelo engenheiro francês Jean Colson e pensado para fazer frente à



sua anunciada deslocalização para o vizinho concelho de Matosinhos, para onde se projetava a construção de um porto artificial – o de Leixões – que será concretizado no final desse século. Erigido sobre estacaria de madeira na praia de Miragaia, associando no seu interior um corpo central de altos pés direitos e

construção granítica, a dois corpos laterais, simétricos, com construção em ferro, esta edificação metálica tem a particularidade de ter sido concebida por Teophile Seyrig, engenheiro que trabalhara com Gustave Eiffel na ponte Maria Pia e será o autor da ponte Luís I. Dois pisos subterrâneos numa trama de colunas pétreas e tetos abobadados completam a edificação. Ponto de chegada e partida de navios e de mercadorias, de pessoas e de ideias, aqui chega também no final do século XIX, o comboio, vindo de Campanhã.

É igualmente em 1895 que, pioneiro na Península Ibérica, surge na cidade o carro-elétrico, que de imediato servirá esta área permanecendo, até hoje, como uma das suas marcas mais identitárias. Desprovido desde os finais do século XX das suas funções iniciais, o edifício da Alfândega acolhe hoje o Museu dos Transportes e Comunicações e o Centro de Congressos da Alfândega do Porto.

Ainda na antiga zona ribeirinha destaca-se, com as suas arcadas graníticas, a construção erguida em frente à desaparecida praia de Miragaia e na qual, em 1756, se instalou a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, ou Real Companhia Velha como é habitualmente designada, criada pelo Marquês de Pombal e que detinha o monopólio da produção e distribuição dos vinhos da região demarcada do Douro, incluindo o famoso Vinho do Porto (8). Apesar da sede ter sido transferida para a margem oposta (Gaia) em 1808, a empresa manteve os seus armazéns em funcionamento em Miragaia até início do século XX. O local foi mais recentemente regenerado e é





hoje sede do World of Discoveries (um museu e parque temático) e da entidade que o tutela.

Crescendo em cascata, o casario de Miragaia desenvolve-se a partir daqui até ao Passeio das Virtudes, refletindo bem a antiga urbe de ruas

estreitas e longas escadarias em granito, exigindo às casas uma intensa fenestração. E é entre os meandros do velho casario de Miragaia que encontra uma das mais antigas fontes da cidade, hoje escondida num recanto discreto da rua de Miragaia entre o casario e o paredão, em frente ao edifício da Alfândega: a Fonte da Colher **(9)** - curioso nome que evoca o antigo imposto cobrado sobre gêneros: uma colher por cada alqueire da mercadoria que chegava pelo rio. Herdeira de uma estrutura medieval previamente existente e já referenciada em 1491, a atual Fonte da Colher terá sido construída em 1629, tornando-se fundamental para o abastecimento local de água.

Daqui, da rua de Miragaia, pode o visitante olhar o Palácio das Sereias **(10)** no alto da Bandeirinha, local onde antes se situou uma antiga judiaria cuja memória persiste ainda na toponímia local, nomeadamente nas escadas do Monte de Judeus **(11)**. É de resto muito provável que esta elevação tenha acolhido um cemitério judaico, sendo certo que por aqui existiu também, até ao final do século XIV, uma importante sinagoga.



As duas exóticas e colossais sereias que, ladeando a porta principal do pequeno palácio, mantêm o olhar atento sobre o Douro, são responsáveis pelo nome pelo qual é conhecido este palácio erigido no século XVIII para residência da família Portocarrero que aí habitou até 1809. Nos dias de hoje, designado por Casa Madalena de Canossa, está ocupado por um colégio. Neste local, bem alto e sobranceiro ao rio, encontra um miradouro – o da Bandeirinha – com uma vista única na cidade. E logo ali ao lado é uma pirâmide de granito (12) que justifica o topónimo do local: uma estrutura destinada a hastear a “bandeira da saúde”, um marco essencial para controlar as condições sanitárias na cidade. Se os inúmeros navios que atracavam no Porto refletiam a sua dinâmica comercial, eram também facilitadores da propagação de doenças e pestes que tantas vezes assolavam as populações. Para o evitar, a bandeira hasteada aqui, no alto da Bandeirinha, bem visível do estuário do Douro, definia o limite

permitido para a navegação dos barcos que, só após vistoria das autoridades sanitárias, podiam prosseguir viagem e atracar nos cais.



OUTROS LUGARES SURPREENDENTES E COM VIRTUDES ATÉ UMA DISTÂNCIA DE 15 MINUTOS DO HOTEL

Localizado num ponto estratégico da zona histórica do Porto, o Hotel das Virtudes (1) é um sítio privilegiado para partir à descoberta da cidade. **Sugerimos-lhe três itinerários. Pelas estreitas e sinuosas ruas entre o velho casario de Miragaia, facilmente chega ao rio e, seguindo a marginal, em escassos minutos atinge a icónica Ribeira, a ponte Luís I e toda a antiga área mercantil e portuária, de onde hoje partem os cruzeiros que sulcam as águas do Douro.** Outra possibilidade é, em vez de subir o rio, acompanhar o curso das águas e descobrir a vizinha área de Massarelos de onde poderá, depois, prosseguir em direção ao mar. Mas, aventurando-se por outros territórios, nomeadamente através das velhas escadas que sobem a encosta das Virtudes, também muito rapidamente alcança a zona mais alta do centro histórico, onde se localizam alguns dos mais **emblemáticos monumentos da cidade**, como a **Torre dos Clérigos**, a **livraria Lello** ou a **Reitoria e Museu da Universidade do Porto**.

1º itinerário - Caminhando pela zona ribeirinha e prosseguindo para montante, em direção à **Ribeira**, e já depois de deixarmos para trás Miragaia e o imponente **edifício da Alfândega**, entre o casario, olhando o rio, destaca-se o edifício torre de cor ocre, ostentando numa das faces a imagem do emblemático embaçado de uma famosa marca de vinho do Porto (13). No local laborou, desde 1880 até à década de 60 do século XX, uma fábrica de derretimento de chumbo que, nos seus 40 metros de altura interior, fazia cair o chumbo derretido para um tanque de água captada no rio, arrefecendo-o e transformando-o em balas de diversos calibres.



Estará, por essa altura, muito próximo da **igreja de S. Francisco (14)** que, apesar de erguida no século XIV, se encontra profundamente marcada pela talha dourada barroca que forra praticamente todo o seu interior. Não é por acaso que é considerada um dos melhores

exemplos das designadas “igrejas de ouro” em Portugal. Contíguo, e construído no século XIX, fica o **Palácio da Bolsa (15)** – sede da Associação Comercial do Porto que, desde 1834, reúne e defende os interesses dos homens de negócio da cidade que materializaram o seu inegável poder e influência num sumptuoso edifício no qual, entre muitas outras manifestações revivalistas, se destaca o Salão Árabe, considerada a mais bela sala da cidade.



Não muito distante fica a **Casa do Infante (16)**, onde nasceu, em 1394, o príncipe D. Henrique, o Navegador, figura pioneira do Renascimento europeu e indissociável do início da Expansão marítima que os portugueses protagonizaram a partir dos inícios do século XV. O imóvel, que abriga o Arquivo Histórico da cidade, apresenta também um espaço museológico onde se preservam importantes vestígios habitacionais de época romana, mas onde se expõe também, entre outros, uma elucidativa maquete do Porto medieval.



O **cais da Ribeira (17)**, que desde tempos medievais se agitava pela força do comércio, entre pessoas, mercadorias, barcos, carroças, era um mundo de gente dos quatro cantos do mundo, onde soavam, misturando-se, os mais próximos e os mais longínquos idiomas. É ainda assim que encontra hoje a Ribeira – um espaço com a “virtude” de juntar um mar de gente dos quatro cantos do mundo - não já pela força do comércio, mas hoje pela mão do turismo.



Junto à Ribeira, uma ponte de ferro se destaca: a **Ponte Luís I (18)**, erguendo-se em dois tabuleiros sobre o Douro, é um ex-libris da cidade integrado na zona classificada pela UNESCO como Património da Humanidade desde 1996. De autoria de Théophile Seyrig, que trabalhara



anteriormente com Gustave Eiffel na ponte Maria Pia, localizada algumas centenas de metros mais a montante, a construção foi da responsabilidade da empresa belga Société Willebreck e inaugurada em 1887.

Contíguos encontra também os pilares da antiga Ponte P nsil D. Maria II, uma ponte suspensa que unia as duas margens, inaugurada em 1842 e desativada em 1887 para dar lugar   ponte Luís I. Também por aqui encontrará as **“Alminhas da Ponte” (19)** – local de manifesta religiosidade popular e que evoca a maior tragédia de que há registo na cidade, ocorrido no dia 29 de março de 1809, quando as tropas napoleônicas invadiram a cidade e provocaram a fuga em grande número da popula o que, procurando fugir para a margem oposta, utilizaram uma ponte de barcas que acabou por colapsar, provocando a morte a centenas de pessoas arrastadas pelas águas do Douro.



2  itinerário - Se, ao sair do Hotel das Virtudes, optar por descer a marginal para jusante, olhando agora em dire o   **Foz e ao oceano Atlântico**, evidencia-se na paisagem o monumental arco em betão da **ponte da Arrábida**, emoldurando a foz do Douro **(20)**. De traçado elegante, assente sobre um arco a

70 metros de altura das águas do rio, com um vão de 270 metros (à época o maior arco em betão armado do mundo), a ponte da Arrábida é exemplo emblemático das “virtudes” e ousadia de Edgar Cardoso, engenheiro português com obra em todo o mundo. Inaugurada em 1963, é uma obra integralmente portuguesa, da projeção à construção, merecendo lugar de referência internacional como obra-prima da engenharia de pontes.

Neste trajeto em direção à foz será surpreendido, voltado para a margem, por um conjunto de edifícios que, entre os inícios do século XVI e o século XIX, constituíam o **convento da Madre de Deus de Monchique (21)**, um dos mais imponentes conventos femininos da cidade. Após a sua extinção em 1834, muitas destas estruturas foram sendo reutilizadas como armazéns e fins industriais, lendo-se ainda no local a designação “Menéres”, indicando pertencer às empresas de Clemente Menéres que, em 1874, aqui instalou uma “fábrica de rolhas para exportação, trabalho braçal e a vapor”.

Mais adiante encontra a **Casa do Cais Novo**, um palácio senhorial voltado para o rio, construído ente 1750 e 1781, residência da família Pinto da Cunha, cujo brasão o edifício ostenta na sua fachada (22). O conjunto edificado inclui também os Armazéns do Cais Novo e o próprio Cais Novo, junto ao rio, ambos de apoio à atividade de produção e comercialização do vinho do Porto a que a família se dedicava. Em 1822 o espaço tornou-se mesmo no principal depósito aduaneiro da cidade, sendo conhecido, até 1872, como Alfândega de Massarelos, data em que os seus serviços se transferem para a Alfândega Nova.

Por esta altura poderá estar, provavelmente, a caminhar sobre o Douro através de um moderno e belo viaduto suspenso sobre as águas do rio. Daqui terá uma bela perspetiva sobre a **igreja de Massarelos (23)**, de origem medieval, mas profundamente renovada no século XVIII ao gosto barroco. Na cabeceira da igreja, voltada para o rio, destaca-se um painel de azulejos que evoca o padroeiro (S. Pedro Gonçalves Telmo – afamado protetor dos marinheiros) e o Infante D. Henrique, que a tradição indica ter sido em 1394, ainda recém-nascido, o escolhido para ser o primeiro Juiz da confraria de mareantes que mandou erguer o templo – facto lendário que demonstra as “virtudes” de Henrique estar destinado, desde o nascimento, para uma forte ligação com os homens do mar. No interior da igreja, que apresenta imponente altar-mor barroco, vale a pena visitar o pequeno núcleo museológico que narra a história desta confraria (uma das mais antigas

instituições da cidade) e expõe interessantíssimas peças, como o caso de um curioso presépio do século XVIII com... 4 reis magos!

Voltando à linha da marginal, em Massarelos encontra mais um testemunho das virtudes da forte ligação das comunidades locais ao rio Douro: o antigo **Entrepasto Frigorífico do Peixe** – tradicionalmente conhecido como Bolsa do Pescado –, edifício da autoria do consagrado arquiteto Januário Godinho, construído entre 1933 e 1935 (24). Classificado em 1977 como Imóvel de Interesse Público, o edifício foi recentemente recuperado para acolher um hotel.

Neste percurso é impossível não se cruzar com o inconfundível carro elétrico do Porto, nessa sua imagem algo anacrónica que lhe angaria o charme, fazendo-se



anunciar com o som característico de uma estridente campainha. Viatura de linhas oitocentistas circulando sobre carris e alimentada através de catenária elétrica aérea, o carro elétrico foi o transporte público urbano de excelência no Porto, desde a circulação da primeira viatura em 1895 até meados dos anos 60 do século XX. Em Massarelos, no **Museu do Carro Elétrico (25)**, instalado na antiga Central Termoelétrica de Massarelos (projetada em 1909 para estação central geradora de energia elétrica para a rede de carros elétricos da Companhia Carris de Ferro do Porto, e inaugurada em 1915) encontra a história desde meio de

transporte e da sua indissociável ligação à cidade. Mas pode visitar também no local a antiga central musealizada, desativada em 1962.

3º itinerário - O terceiro trajeto que lhe sugerimos desenvolve-se à quota alta, onde para além da avassaladora paisagem e do pôr do sol ímpar de que pode disfrutar no **miradouro das Virtudes (2)**, encontra um inigualável jardim público da cidade, desenvolvendo-se em socalcos pela encosta voltada para o rio e povoado por diversas **esculturas contemporâneas (26)**. Edificado na segunda metade do século XVIII, é um dos mais antigos espaços verdes do Porto, debruçado sobre a antiga e afamada **fonte das Virtudes (3)**. Já na segunda metade do século XIX foi aqui que a Companhia Hortícola Portuense criou o seu extenso horto, espaço concebido por José Marques Loureiro e, durante décadas, referência absoluta na horticultura portuguesa. Em 1998 foi convertido num jardim público.



Esta zona alta da cidade – o morro da Vitória ou do Olival – cresceu sobretudo a partir do século XIV. No final desse século aqui se concentrará a comunidade judaica da cidade e, a partir do século XVI, destacadas instituições da cidade, como o **Tribunal** e a **Cadeia da Relação** – cujas atuais e monumentais instalações, erguidas na segunda metade do século XVIII, acolhem hoje o **Centro Português de Fotografia** onde encontra uma programação expositiva regular (27) -, mas também importantes espaços da urbe, como o Largo de S. Domingos e a rua das



Flores, para onde se muda a **Misericórdia do Porto** cujo atual **museu** é um dos mais interessantes da cidade (28).

Durante séculos esta área da cidade conteve um extenso e velho aglomerado de oliveiras que se desenvolvia do lado de fora das muralhas medievais e que estiveram na origem da designação do local (“Olival”) e da principal porta da muralha que se abria nesta zona. Mais recentemente (2013) o antiquíssimo topónimo foi sublinhado pela criação do **Jardim das Oliveiras** (29) entre a Torre dos Clérigos e a Livraria Lello.

O Olival é coroado por aquela que é um dos mais famosos ex-libris do Porto: a **Torre dos Clérigos** (30). Concluída em 1763, é a torre sineira de um santuário que se alonga à sua sombra, projetada pelo génio criativo e arquitetónico do italiano Nicolau Nasoni que se radicou na cidade e com a sua estética barroca muito própria marcou o panorama artístico da região em meados do século XVIII. Para lá da sua exuberante decoração e de possuir a “virtude” de dominar a skyline da cidade, a fama da Torre dos Clérigos resultou também de ser, quando foi erguida, a mais alta construção do país.

Do outro lado do Jardim das Oliveiras localiza-se, desde 1906, um dos mais



distintivos e únicos estabelecimentos comerciais do Porto: a **Livraria Lello (31)** que, no seu surpreendente estilo revivalista neogótico, é considerada uma das mais belas livrarias do mundo. Bem mais de um milhão de visitantes anuais diz bem do impacto e das “virtudes” deste espaço de livros e de cultura.

Em torno do **Jardim da Cordoaria (32)**, um dos mais antigos da cidade e um espaço romântico em parte herdeiro do antigo olival que aqui existiu até ao início do século XVII, encontrará muitos outros motivos de interesse. Não deixe, por exemplo, de

visitar o **Palácio da Justiça (33)**, monumental edifício distribuídos por 6 pisos, 3 dos quais abaixo da entrada principal, inaugurado em 29 de outubro de 1961. Concebido por Rodrigues Lima, o projeto reflete a estética arquitetónica e plástica do regime nacionalista e ditatorial do Estado Novo que marcou metade do século XX português. Curiosamente, no seu interior, apresenta um notável programa artístico concebido por um conjunto de consagrados e jovens artistas, muitos dos quais próximos da oposição democrática, constituído por mais de meia centena de obras entre frescos, pinturas, tapeçarias, escultura ou altos-relevos.

O lado Norte da Cordoaria é dominado por um outro imponente e neoclássico (1807) edifício: o da **Reitoria da Universidade do Porto (34)** que, entre outras valências, alberga o **Museu de História Natural** detentor de relevantes coleções.



Mapa - itinerários



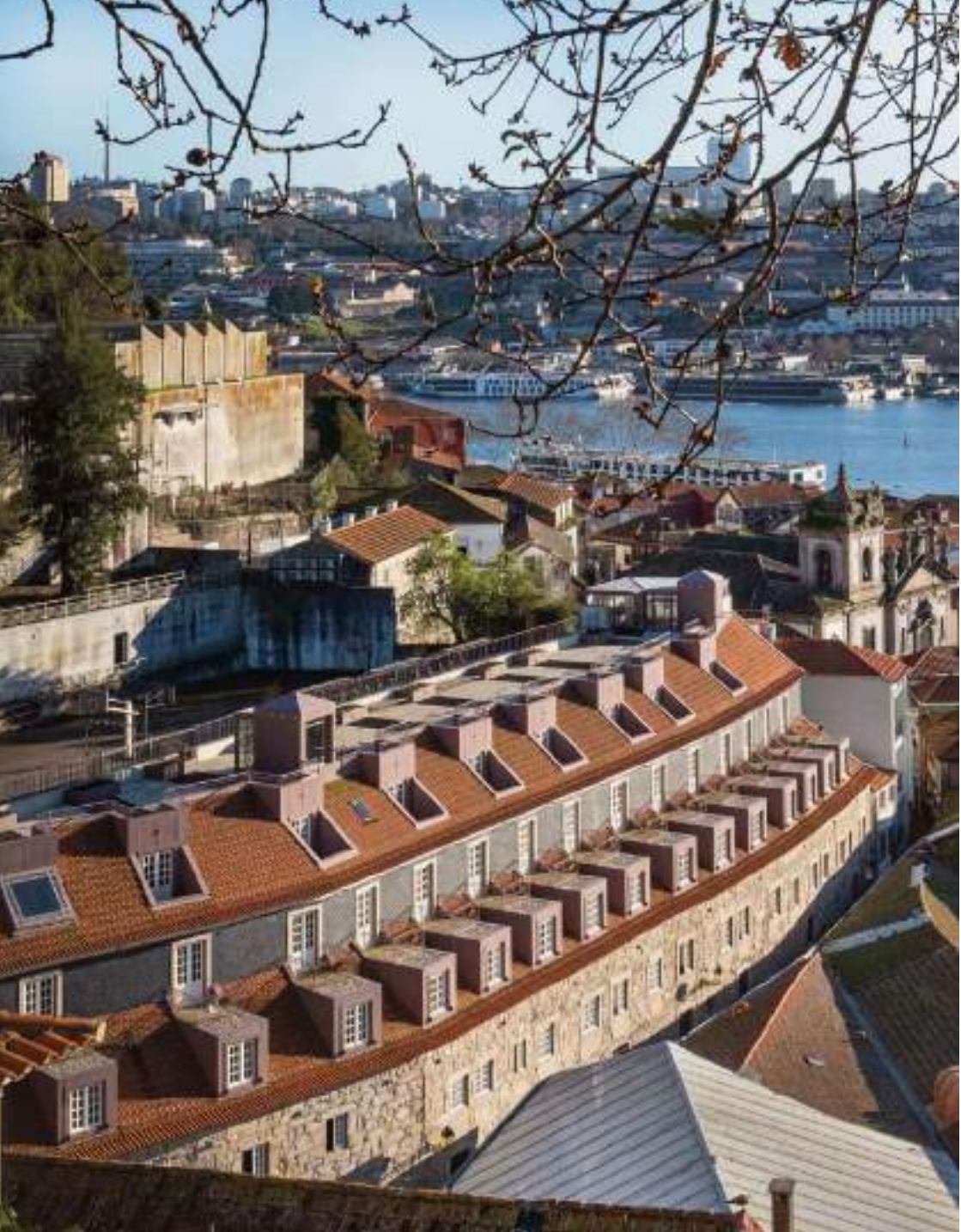
22

Itinerário 1: 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19

Itinerário 2: 20, 21, 22, 23, 24 e 25



Itinerário 3: 2, 26, 3, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33 e 34



Produção TACITUS; Texto: Joel Cleto e Suzana Faro; Design: Atelier João Borges;
Fotos: Sérgio Jacques; vídeo: Luís Morais. 2023



HOTEL
DAS
VIRTUDES



PORTO

